



FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

O Verdadeiro, o Belo e o Bom: reflexões para a Filosofia da Educação

The true, the beautiful and the good: reflections for the philosophy of education

Lo verdadero, lo bello y lo bueno: reflexiones para la filosofía de la educación

**Daniela Honorio de
Sousa Brito¹**

orcid.org/0000-0003-0456-9141
pedagogadanielahonorio@gmail.com

**Maria Judith Sucupira
da Costa Lins¹**

orcid.org/0000-0001-5404-6061
mariasucupiralins@gmail.com

Recebido em: 07 abr. 2025.

Aprovado em: 14 ago. 2025.

Publicado em: 23 mar. 2026.

Resumo: O problema desta investigação é a falta de profundidade teórica referente ao Verdadeiro, ao Belo e ao Bom na prática da Educação. O pressuposto desta pesquisa é a possibilidade de surgimento de ideias concernentes ao Verdadeiro, ao Belo e ao Bom na Filosofia da Educação. O objetivo é destacar reflexões sobre o Verdadeiro, o Belo e o Bom que favoreçam a Filosofia da Educação. A fundamentação teórica se alicerça em Gardner (1999, 2012), MacIntyre (2001), Maritain (1967, 1968, 1998), Sucupira-Lins (2013, 2014) e Von Hildebrand (2021a, 2021b, 2021c, 2016). A metodologia utilizada é a hermenêutica de Paul Ricoeur (1990), que exige interpretação do texto com rigor científico. Os dados observados apontam para contribuições dos universais Verdadeiro, Belo e Bom à Filosofia da Educação.

Palavras-chave: Filosofia da Educação; Verdadeiro, Belo e Bom; Educação Integral; formação da pessoa.

Abstract: The problem with this research is the lack of theoretical depth regarding the True, the Beautiful, and the Good in the practice of Education. The premise of this research is the possibility of the emergence of ideas concerning the True, the Beautiful, and the Good in the Philosophy of Education. The objective is to highlight reflections on the True, the Beautiful, and the Good that favor the Philosophy of Education. The theoretical foundation is based on Gardner (1999, 2012), MacIntyre (2001), Maritain (1967, 1968, 1998), Sucupira-Lins (2013, 2014), and Von Hildebrand (2021a, 2021b, 2021c, 2016). The methodology used is Paul Ricoeur's hermeneutics (1990), which requires interpretation of the text with scientific rigor. The observed data point to contributions of the universals True, Beautiful, and Good to the Philosophy of Education.

Keywords: Philosophy of Education; True, Beautiful and Good; Integral Education; Formation of the Person.

Resumen: El problema de esta investigación es la falta de profundidad teórica sobre lo Verdadero, lo Bello y el Bien en la práctica de la Educación. El supuesto de esta investigación es la posibilidad del surgimiento de ideas sobre lo Verdadero, lo Bello y el Bien en la Filosofía de la Educación. El objetivo es resaltar reflexiones sobre lo Verdadero, lo Bello y el Bien que favorezcan la Filosofía de la Educación. La fundamentación teórica se basa en Gardner (1999, 2012), MacIntyre (2001), Maritain (1967, 1968, 1998), Sucupira-Lins (2013, 2014) y Von Hildebrand (2021a, 2021b, 2021c, 2016). La metodología utilizada es la hermenéutica de Paul Ricoeur (1990), que exige la interpretación del texto con rigor científico. Los datos observados apuntan a contribuciones de los universales Verdadero, Bello y Bueno a la Filosofía de la Educación.

Palabras clave: Filosofía de la Educación; Verdadero, Bello y Bueno; Educación Integral; entrenamiento personal.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

Introdução

Estudos filosóficos do Verdadeiro, do Belo e do Bom são primordiais para a formação humana plena. A compreensão dessa tríade na Filosofia da Educação é o foco deste texto. A Educação Integral é uma perspectiva educacional em que o educador não se detém ao desenvolvimento de apenas alguns aspectos, mas visa à completude humana. Práticas pedagógicas que possibilitem a vivência dos universais no cotidiano escolar podem contribuir para a Educação Integral.

O psicólogo cognitivo e educacional Howard Gardner (1999, 2012) é professor norte-americano de Harvard e apresenta reflexões sobre o Verdadeiro, o Belo e o Bom em duas de suas obras. No primeiro livro, originalmente intitulado *The disciplined mind: what all students should understand*, publicado em 1999, cuja tradução para o português é "O Verdadeiro, o Belo e o Bom: os princípios básicos para uma nova educação" (Gardner, 1999), o pensador denomina a tríade como virtudes e dá exemplos relacionados a cada um desses tópicos. Quanto ao domínio da Verdade, seleciona a teoria da evolução de Charles Darwin, para a Beleza, escolhe a música de Wolfgang Amadeus Mozart e com o objetivo de tratar da moralidade, que é o estudo do Bem, expõe o mal que é o Holocausto. A segunda obra, *Truth, beauty and goodness reframed*, de 2011, foi traduzida como "O Verdadeiro, o Belo e o Bom redefinidos: novas diretrizes para a educação do século XXI" (Gardner, 2012). Neste, a tríade é apresentada de forma mais detalhada, havendo um capítulo específico para cada um dos elementos com aprofundamento nos conceitos. Gardner (1999, 2012) enfatiza a relevância do Verdadeiro, do Belo e do Bom para a Educação e reconhece que esses elementos não são preocupações recentes, como se lê:

Acredito que três preocupações muito importantes devem animar a educação - e essas preocupações têm nomes e histórias que remontam a um passado distante. Há o domínio da *verdade* - e o seu avesso, o que é falso ou indeterminável. Há o domínio da *beleza* - e sua ausência, em experiências e objetos que são feios ou *kitsch*. E há o domínio da *moralidade*

- o que consideramos ser Bom e o que consideramos ser maligno (Gardner, 1999, p. 14-15).

A retomada do Verdadeiro, do Belo e do Bom pode contribuir para a Educação Integral, compreendida como "o processo que visa o aperfeiçoamento do educando em todos os seus aspectos, de modo que se pode observar a Educação cognitiva, sociocultural, afetiva, física e moral" (Sucupira-Lins, 2014, p. 127). A pessoa é constituída de diferentes aspectos que precisam ser desenvolvidos pela educação, sistemática ou não. A educação escolar complementa a educação familiar, portanto, ao tratarmos de educador, estamos nos referindo a todo adulto responsável pela formação de crianças e/ou jovens e não apenas ao professor. Conforme destaca Hilgard (1975, p. 3), a aprendizagem ocorre quando "as características da mudança de atividade não possam ser explicadas por tendências inatas de respostas, maturação ou estados temporários do organismo". Pode-se afirmar que esses três elementos são o foco da aprendizagem, uma vez que a pessoa não nasce conhecendo o que é Verdadeiro, Belo e Bom.

A proposta deste estudo é abordar reflexões sobre o Verdadeiro, o Belo e o Bom visando ao aperfeiçoamento humano pleno e argumentar com referência à Educação Integral. Entende-se que não é possível preencher todas as lacunas desse tema no limite de um artigo, no entanto, pretende-se promover debates e análises que auxiliem educadores.

O problema desta pesquisa hermenêutica está exposto na seguinte questão: há contribuições para a Filosofia da Educação a partir do aprofundamento teórico do Verdadeiro, do Belo e do Bom? O pressuposto desta pesquisa é o de que há elaboração de novas ideias e debates concernentes aos universais na Filosofia da Educação visando à Educação Integral. O objetivo é refletir sobre o Verdadeiro, o Belo e o Bom de modo que favoreçam a Educação Integral.

A metodologia está fundamentada na interpretação hermenêutica apresentada na obra de Paul Ricoeur (1990, p. 17) que afirma: "a hermenêutica é a teoria das operações da compreensão em

sua relação com a interpretação dos textos". Por se tratar de uma pesquisa de cunho teórico e abordagem qualitativa, a "interpretação hermenêutica" revelou-se o instrumento mais adequado à compreensão dos textos filosóficos e de suas possíveis repercussões para o campo educacional. Interpretação não significa a expressão de opinião, mas é a apreensão do que não está explícito nos documentos sob análise do pesquisador. O citado filósofo ensina que monumentos arquitetônicos, textos, pinturas, esculturas e outras formas de manifestação do ser humano revelam mais do que é óbvio aos sentidos, de modo que se faz necessária uma investigação em profundidade.

A estrutura deste artigo é expressa a seguir. Primeiramente, há uma discussão teórica do Verdadeiro, do Belo e do Bom. Em seguida, são apresentadas ideias quanto à tríade na Filosofia da Educação. Por fim, são trazidas as considerações finais que resultam da análise realizada neste texto.

O Verdadeiro, o Belo e o Bom: debates filosóficos

O Verdadeiro, o Belo e o Bom são instâncias originárias da filosofia e não da educação. Aparecem como indagação desde os primórdios dos questionamentos postos pelo ser humano. A educação tem intencionalidades que necessitam expressar princípios filosóficos próprios da Filosofia da Educação. Sucupira-Lins (2013, p. 36) ensina que a "Filosofia da Educação é a atividade prática de reflexão sobre o significado e o agir educativo e ela está fortemente inserida na realidade concreta". Uma vez que a Filosofia da Educação é um ramo da filosofia geral, é fundamental compreender as características deste campo do conhecimento. Observe-se a seguinte explicação:

a filosofia não se ocupa de certos estados de coisas ocultas, como átomos e quarks, dos quais o cidadão médio nada sabe, mas do que é óbvio, ou aparentemente óbvio – o ser, o conhecer, o amor, as decisões, etc. – com o que qualquer pessoa está familiarizada. A filosofia problematiza o que é conhecido e evidente e levanta questões do tipo "o que é

o ser?" ou "por que existe algo e não nada?" (Seifert, 1995, p. 92).

A filosofia é um constante questionamento. Não dá respostas prontas, mas indaga continuamente. Kneller (1984) defende três abordagens de filosofia: Especulativa, Prescritiva e Analítica. A primeira procura entender como as coisas diferentes formam uma totalidade, tenta observar um princípio de coerência de pensamento e experiência de forma global. A segunda procura estabelecer padrões para aferir valores, julgar condutas e apreciar artes de modo a oferecer orientações; nesta abordagem, é examinado o que é o Belo e o Bom. A terceira avalia os diferentes significados que podem existir em diferentes contextos; as palavras e os significados são o seu enfoque. Há ligação entre esses três modos de trabalhar com a filosofia, sendo comum a presença de tais abordagens nas obras filosóficas.

O Verdadeiro, o Belo e o Bom são universais filosóficos. Segundo Maritain (1998, p. 106), "chama-se universal aquilo que se encontra sempre idêntico em uma multidão de indivíduos". Não são dados *a priori* presentes no ser humano, constituindo-se, desse modo, uma necessidade educacional fundamental ao ser humano e à vida em sociedade. Como afirma Gardner (2012, p. 14), "difícilmente conseguiríamos sobreviver – na verdade, mal conseguiríamos passar o dia – se não navegássemos, ao menos de forma implícita, entre o que é verdadeiro (e o que não é), o que é belo (e o que não é) e o que é bom (e o que não é)". Na vida humana, estão presentes no cotidiano, pois diariamente são tomadas decisões que precisam ser conscientemente livres e embasadas em valores. Esta não é uma preocupação recente, pois desde o século V antes de Cristo há escritos relacionados à tríade, como expresso a seguir:

Os melhores de todos os discursos escritos são os que têm por fim servir de memorandos aos que conhecem tais discursos e somente nas palavras cujo fito é a instrução, assim se gravando na alma, sobre o que é justo, Belo e Bom, somente nessas encontramos uma perfeição digna dos nossos esforços (Platão, séc. V a.C. 2000, p. 127).

Nesse excerto, há referência direta ao Belo e ao Bom. Apesar de o autor não utilizar o termo *Verdade* e sim o conceito de *justiça*, entende-se que há aproximações possíveis entre ambos. Rawls (2000) compara justiça e verdade como elementos primários em campos diferentes: a verdade, no sistema de pensamentos; e a justiça, nas instituições sociais. Uma teoria precisa ser rejeitada se não for verdadeira, da mesma forma que leis e instituições devem ser reformadas se forem injustas. Justiça e Verdade são imprescindíveis para a vida em sociedade. Para melhor compreensão de o que é o Verdadeiro, o Belo e o Bom, a seguir é feita análise de cada um dos elementos da tríade separadamente.

Primeiramente, destaca-se a Verdade, que "é essencialmente um domínio de declarações, de proposições" (Gardner, 2012, p. 31). A Verdade está relacionada à linguagem humana, pois por meio desta expressamos o que compreendemos por Verdadeiro ou falso. Há diferentes abordagens para que a Verdade seja tratada. Para exemplificar, cita-se a teoria heliocêntrica de Nicolau Copérnico, que trouxe uma nova verdade científica. Esse fato aponta a transitoriedade da Verdade científica. A verdade filosófica, no entanto, não se prende a julgamentos ou comprovações e é a grande busca do ser humano.

Maritain (1998), lembrando o pensamento original da antiguidade grega, apresenta como se dividem os filósofos em relação à veracidade da faculdade de conhecimentos. O primeiro grupo, chamado de "céticos", duvida da veracidade da razão e afirma que é impossível se atingir a Verdade. Derivados destes são os anti-intelectuais, que rejeitam a inteligência e a razão; privando-se do único meio de atingir a Verdade, inteligência e razão, procuram na vontade, na negação de princípios e na dúvida respostas às suas indagações. Pelo contrário, o segundo grupo, denominado "racionalistas", pensa que a Verdade é fácil de ser alcançada e tende a três pontos de vista: subjetivismo, individualismo e naturalismo. O subjetivismo dissolve o conhecimento por tomar como regra da verdade o sujeito cognoscente e não a coisa a ser conhecida. O individualismo

exige originalidade e ineditismo do filósofo para que refaça a filosofia só para si. O naturalismo considera que as forças da natureza são a única fonte da sabedoria perfeita. O terceiro grupo é o da escola de Aristóteles e, posteriormente, os discípulos de Tomás de Aquino que se opõem ao ceticismo e ao racionalismo puro. A verdade não é impossível nem fácil de ser alcançada, é difícil. Este terceiro grupo de filósofos entende que a razão é o único meio de se chegar à verdade, contanto que seja formada e disciplinada pela própria realidade e por mestres.

Von Hildebrand (2021a), diferentemente de Gardner (1999, 2012), que considera a Verdade uma virtude, propõe um novo nome para a virtude relacionada a este elemento: a veracidade. O filósofo alemão expõe três espécies de falta de veracidade: primeiramente, o mentiroso astuto, o qual não se importa em mentir desde que lhe convenha; o segundo tipo é a pessoa que se engana a si mesma, foge do que é difícil ou desagradável e não admite seus próprios erros – é uma falsidade menos maliciosa, no entanto essas pessoas são mais difíceis de serem educadas moralmente porque vivem em um mundo de ilusões; no terceiro grupo, o problema central não é iludir os outros ou mentir para si próprio, mas o fato de não conseguirem estabelecer contato real com o mundo porque estão aprisionados no eu.

Partindo para o segundo elemento, o Belo, Kneller (1984, p. 43) destaca que a estética "[...] é o estudo dos valores no domínio da beleza. Os valores estéticos são usualmente difíceis de avaliar, pois sua tendência é para serem pessoais e subjetivos. Uma determinada obra de arte suscita respostas várias em diferentes pessoas". Compreende-se que a estética é um valor em si mesmo, que se oferece a todos. A pessoa é afetada pela beleza a partir de uma experiência sensível, ou seja, depende dos sentidos. As sensações são algo que os seres humanos têm em comum com os demais animais, no entanto somente a pessoa é capaz de transformá-la na captação da beleza. Isso ocorre pela presença do raciocínio, da vontade e da liberdade.

Kant (2002, p. 55), filósofo que apresenta re-

flexões concernentes ao entendimento da estética, define que “[...] gosto é a faculdade de ajuizamento de um objeto ou de um modo de representação mediante uma complacência ou descomplacência independente de todo interesse. O objeto de uma tal complacência chama-se Belo”. O termo “complacência” se refere à satisfação e tem base nas sensações. Desse modo, pode-se refletir quanto à necessidade de o gosto ser educado para que haja a contemplação do Belo, de modo que não seja apenas de algo imposto pelo comércio, por mídias e/ou grupos sociais. Pondera-se sobre a função da cultura, como destaca Schiller (2002, p. 115): “É uma das tarefas mais importantes da cultura, pois, submeter o homem à forma ainda em sua vida meramente física e torná-lo estético até onde possa alcançar o reino da beleza, pois o estado moral pode nascer apenas do estético, e nunca do físico”. No pensar de Schiller (2002), a cultura tem a tarefa de tornar a pessoa alguém com a capacidade de apreciar a estética, ou seja, fazê-la alcançar o reino da beleza. A escola é a instância social comprometida em transmitir valores sociais, dentre eles os estéticos, portanto, é tarefa da educação contribuir para a formação estética de cada educando. O filósofo Howard Gardner (1999, p. 292) acrescenta dois elementos imprescindíveis à formação humana ao retomar as ideias da filosofia clássica de Verdadeiro, Belo e Bom, afirmando que “é importante que uma cultura identifique as verdades, belezas e virtudes a que dá valor, e que dedique, portanto, recursos para inculcar seu entendimento nos jovens estudantes”. O entendimento das belezas, verdade e virtudes valorizadas pela sociedade auxilia no aperfeiçoamento pleno de pessoas que podem, dessa maneira, colaborar para a harmonia na sociedade.

Von Hildebrand (2016) ensina que beleza é um valor. A beleza é algo importante em si mesma e não tem a finalidade de satisfazer apenas. Ao contrário dos valores morais que pressupõem pessoas como portadoras, o valor da beleza não depende de um portador. Toda pessoa é apta a captar a beleza, que é uma das fontes de alegria

na vida humana. Pensando na pertinência de se educar para a beleza, Maritain (1968, p. 105) expõe: “A beleza faz com que a inteligibilidade surja, sem o sabermos, da atenção dos sentidos. É em virtude da sedução das belas coisas, das belas ações e das belas ideias, que a criança deve ser conduzida e despertada para a vida intelectual e moral”. O filósofo francês aponta para a “sedução das belas coisas, das belas ações e das belas ideias”, em suas palavras precisas, como necessária na formação intelectual e moral. A relação da associação entre valores morais e estéticos está presente também na filosofia de Dietrich von Hildebrand (2016); este afirma haver um esplendor de beleza nos valores morais, ao destacar que há dois tipos de beleza: primeiro, a beleza do audível e do visível que apela para os sentidos; e, em segundo nível, a beleza espiritual, que é encontrada nas belezas ou na verdade. A beleza do audível e do visível é o mais primitivo tipo de beleza; enquanto a beleza espiritual, também denominada beleza metafísica, é a que leva à transcendência, é o esplendor dos valores mais elevados. Volte-se ao pensamento de Schiller (2002), nessa mesma linha, e observe-se sua afirmativa:

Com efeito, já se cansou de ouvir a afirmação de que o sentimento educado para a beleza refina os costumes, de modo que novas provas parecem desnecessárias. Apoia-se para tanto na experiência cotidiana, que mostra um gosto cultivado quase sempre ligado à clareza do entendimento, à vivacidade do sentimento, à liberalidade e mesmo dignidade na conduta, enquanto o gosto inculto se apresenta de ordinário ligado a atributos opostos (Schiller, 2002, p. 53).

Este filósofo do século XVIII conduz ao entendimento dos valores morais ligados à estética, na citação anterior, ao ensinar que “o sentimento educado para a beleza refina os costumes”. Uma vez que a dimensão estética, bem formada, aprimora a conduta humana, pode-se concluir que é um erro considerar a beleza apenas como um apelo aos sentidos ou a algo superficial na vida da pessoa.

Ainda quanto às características do Belo, Gardner (2012) expõe três sintomas anteriores à ex-

periência de beleza. O primeiro é o poder de atrair interesse: o objeto artístico é encantador, estimulante e inesperado, podendo ser terrível ou admirável; de qualquer maneira, desperta o interesse. O segundo ponto é a característica de ser memorável: o Belo é algo guardado na memória. O terceiro sintoma é o chamado convite para uma volta a essa experiência: ocorre quando a pessoa tem curiosidade para entender melhor a experiência, gosta de apreciar ou tem um sentimento de reverência. No pensar de Gardner (2012), algo só se qualifica como Belo se houver esta terceira característica.

O Bom, terceiro elemento, é debatido desde o século IV antes de Cristo por Aristóteles (séc. IV a.C. 2020, Livro I, capítulo 9, 1099 b1: 30) ao afirmar: "o *bem mais excelente* era a finalidade da ciência política, enquanto o cuidado maior dela era produzir certo caráter moral nos cidadãos, ou seja, torná-los bons e capazes de ações nobres". O bem não é só para si, mas visa à harmonia na sociedade. Para Aristóteles (séc. IV a.C. 2020), a felicidade é a busca do Bem Comum, ou seja, o bem de todos. O fato de a pessoa viver em sociedade torna imprescindível a preocupação com a formação de cidadãos bons.

Para o pensamento contemporâneo, nas palavras de Vázquez (1987, p. 7), observa-se que "a ética poderá dizer-lhe, em geral, o que é um comportamento pautado por normas, ou em que consiste o fim – o Bom – visado pelo comportamento moral, do qual faz parte o procedimento do indivíduo concreto ou o de todos". O Bom é o universal que está relacionado às atitudes humanas virtuosas. Somente em uma sociedade formada por cidadãos eticamente livres, há harmonia. Conforme aponta Gardner (2012, p. 85-86), "a sobrevivência de uma comunidade a longo prazo pressupõe algum tipo de reciprocidade benevolente". Para a permanência da vida em sociedade, é necessário que as pessoas saibam agir de maneira bondosa, ou seja, pautadas em critérios éticos.

É o que ensina von Hildebrand (2021b) ao enumerar três tipos de seres humanos que são a antítese do bondoso: primeiro, o mau é a pessoa

que vive contra o mundo dos valores; o impiedoso, segundo tipo, é a pessoa dura, fria, cujos ouvidos se fazem surdos a qualquer pedido – este é um total egoísta; por último, o indiferente, que ignora os outros e conseqüentemente não respeita a dignidade da pessoa.

Apesar de os elementos da tríade terem sido apresentados separadamente neste texto, eles são interligados. Uma pessoa que busca viver os valores morais não pode estar unida à mentira. Pela verdade, possui uma beleza metafísica que leva à transcendência. Este é um tema inesgotável e por isso este estudo é relevante. Depois desse breve debate filosófico relacionado ao Verdadeiro, ao Belo e ao Bom, é tratada sua pertinência quanto à educação que visa à completude humana.

O Verdadeiro, o Belo e o Bom na Filosofia da Educação

A solução do desafio de pensar sobre o Verdadeiro, o Belo e o Bom de modo que favoreçam a Educação Integral é indispensável por serem elementos fundamentais à pessoa e à vida em sociedade. Conforme o pensamento de Maritain (1967, p. 19), "o homem é um animal político, quer dizer, a pessoa humana exige a vida política, a vida em sociedade, e não somente quanto à sociedade familiar, mas também quanto à sociedade civil". A educação, de maneira sistematizada ou não, auxilia o educando a ser inserido na sociedade. Isso pode acontecer à medida que os professores trabalhem o conteúdo programático com os pressupostos filosóficos. A prática pedagógica pretendida por esses responsáveis permitirá a aprendizagem de costumes e valores relevantes, evidenciando assim a influência da Filosofia sobre a Educação. Gardner (2012, p. 18) aponta à necessidade da conjunção dessa tríade com os procedimentos educacionais para a vida em sociedade, como se pode deduzir do trecho seguinte:

Qualquer sociedade que espera durar precisa garantir que esses conceitos e valores sejam passados adiante de forma viável para as futuras gerações. Isso porque, se abrirmos mão de vidas marcadas pela verdade, beleza

e bondade – ou ao menos pela busca perene por elas – para todos os fins, estaremos nos resignando a um mundo em que nada tem valor, em que qualquer coisa serve (Gardner, 2012, p. 18).

Gardner (2012) alerta que a ausência do Verdadeiro, do Belo e do Bom pode gerar “um mundo em que nada tem valor”. Esta afirmação pode ser relacionada ao que denuncia Alasdair MacIntyre (2001) quando afirma haver na atualidade uma crise de valores causada pelo emotivismo. Nessa doutrina, os juízos valorativos não são embasados em critérios racionais, mas partem de preferências subjetivas, gerando o relativismo ético.

O filósofo brasileiro Newton Sucupira (1980) condena o relativismo ético e explica que pode ser formulado a partir de três ideias: primeiro, os princípios éticos variam conforme a cultura; segundo, não há princípios e métodos racionais que reconciliem as divergências entre as crenças morais; terceiro, as pessoas devem pautar suas ações em seus próprios valores morais. Esse tipo de relativismo atrapalha a formação de cidadãos éticos e, conseqüentemente, a Educação Integral. O aspecto moral é constituinte da pessoa do educando, é primordial que seja favorecido no processo educacional juntamente com o entendimento da verdade e do Belo, conforme descrito a seguir:

De especial importância, particularmente com referência à compreensão da verdade, são as experiências na escola. Quando o assunto é o Bom, os modelos de pessoas mais velhas e influentes são poderosos. E os julgamentos de beleza são, por seu lado, fortemente influenciados pelos pares e pela mídia (Gardner, 2012, p. 115).

O educador tem grande importância na aprendizagem do Verdadeiro, do Belo e do Bom. O fato de a tríade não ser inata ao ser humano responsabiliza todo educador quanto à formação do educando referente a esses elementos. Como ensina Sucupira-Lins (2014, p. 131), “na realidade o educador tem que agir visando as dimensões que se completam na pessoa e isto já nos aponta para a direção da ideia de Educação Integral”. Para que a plena formação humana aconteça, é

necessário que o educando compreenda o que é o Verdadeiro, o Belo e o Bom e os insira em suas vivências e tomadas de decisão.

Na legislação brasileira, ainda vigente, os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997a, 1997b, 1998) configuram uma proposta flexível de orientação na qual, embora o Verdadeiro, o Belo e o Bom não apareçam de forma explícita, é possível observar indícios da sua presença. Inicia-se pela preocupação com a Beleza, tema abordado em um volume específico intitulado *Arte*, cujo objetivo é apresentado a seguir:

O aluno poderá desenvolver seu conhecimento estético e competência artística nas diversas linguagens da área de Arte (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro), tanto para produzir trabalhos pessoais e grupais como para que possa, progressivamente, apreciar, desfrutar, valorizar e emitir juízo sobre os bens artísticos de distintos povos e culturas produzidos ao longo da história e na contemporaneidade (Brasil, 1998, p. 47-48).

A estética aparece nesse documento tendo como foco diferentes linguagens artísticas e há a orientação aos professores de que pensem em práticas pedagógicas que as associem e, por outro lado, diversifiquem ampliando as possibilidades e experiências artísticas dos educandos. Essa proposta direcionada ao Belo pode ser aproximada do conceito de *beleza do audível e visível* elaborado pelo filósofo von Hildebrand (2016). Esse tipo de beleza, como foi explicado, apela para os sentidos e representa a mais primitiva forma de Belo.

A proposta do Bom e do Verdadeiro pode ser encontrada no volume 8, destinado ao tema Ética, dos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997a). Esse documento apresenta blocos de conteúdo que precisam ser priorizados no cotidiano escolar de forma transversal, ou seja, sem um horário e/ou disciplina específica. Dentre esses, destaca-se o *respeito mútuo*, que é o tema central da moralidade, conforme explica Von Hildebrand (2021c, p. 16):

Onde quer que se ponham os olhos, onde quer que no homem deva florescer a vida moral, o respeito é sempre o fundamento e, simultaneamente, um elemento essencial dessa vida.

Sem essa atitude fundamental, não há nenhum amor Verdadeiro, nenhuma justiça, nenhuma consideração, nenhuma autoeducação, nenhuma pureza, nenhuma veracidade; mas sobretudo nenhuma profundidade.

O *respeito* está relacionado ao fato de a pessoa ser boa e veraz, lembrando que bondade e veracidade são virtudes. É possível deduzir: quem é respeitoso com os outros é Verdadeiro e Bom. Consegue-se identificar a pertinência do Verdadeiro, do Belo e do Bom na Educação, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997a, 1997b, 1998), que continuam sendo documento orientador da Educação brasileira.

Indica-se, ainda, a análise da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), que é um documento normativo direcionado, exclusivamente, à educação escolar e define as aprendizagens essenciais a serem desenvolvidas ao longo das modalidades e etapas da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio). Esse documento "está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva" (Brasil, 2018, p. 7). Apesar de os universais não aparecerem de forma explícita, encontram-se subsídios para a reflexão quanto à preocupação dos princípios enfatizados. Primeiramente, os princípios éticos são associados ao Bom, pois a pessoa que visa ao Bem Comum age moralmente. A pessoa ética, segundo essa concepção, é aquela que orienta sua ação pelo bem coletivo e pela consciência moral. Estratégias pedagógicas coerentes com esse princípio incluem projetos interdisciplinares de cidadania, atividades de resolução de conflitos mediadas pelo diálogo e campanhas solidárias. Tais ações favorecem o desenvolvimento da maturidade ética e do agir responsável, elementos fundamentais na formação integral.

No segundo ponto, o termo *política* se refere ao fato de vivermos em sociedade que pressupõe a necessidade da comunicação. A Verdade está relacionada à linguagem humana, então os princípios políticos devem-na considerar relevante. Como seres políticos, os sujeitos precisam

dialogar, deliberar e discernir, e isso exige uma formação voltada à busca da Verdade, à construção de sentidos e ao exercício do juízo. Estratégias pedagógicas como debates, produção textual fundamentada, análise crítica da mídia e incentivo à pesquisa possibilitam a vivência do princípio político como expressão da racionalidade e da liberdade.

Por último, a palavra *estéticos* se refere ao Belo e é o que mais aparece, dentre os elementos da tríade, na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018). O Belo é compreendido não apenas como experiência sensível, mas como formação da sensibilidade, da imaginação e da expressão criativa. A valorização da arte e da cultura no currículo deve ir além da fruição estética, alcançando também a formação da percepção ética e cognitiva. Práticas como a apreciação crítica de obras artísticas, a integração da arte aos conteúdos curriculares e a produção criativa favorecem o desenvolvimento da dimensão estética do ser humano, fundamental para a Educação Integral.

Conclui-se que, apesar de mudanças na nomenclatura, o Verdadeiro, o Belo e o Bom permanecem atuais e pertinentes no contexto educacional. Os documentos apresentados oferecem subsídios para que educadores reflitam sobre sua responsabilidade na formação do ser humano em sua totalidade. Tais valores não devem ser abordados como temas isolados, mas como fundamentos da prática educativa orientada à dignidade humana e à construção do mundo comum.

Considerações finais

Por meio da argumentação apresentada, reitera-se que a proposta desta interpretação hermenêutica foi refletir sobre o Verdadeiro, o Belo e o Bom de modo que favoreçam a Educação Integral. Ao aprofundarmos a leitura dos textos referenciados, ficou claro que é possível a elaboração de novas ideias concernentes ao tema da tríade na Filosofia da Educação visando à formação humana plena. Os resultados encontrados e discutidos, enunciados ao longo do texto, permitem entender que essa premissa é válida.

Outro elemento essencial nessas considerações finais é que, apesar de o Verdadeiro, o Belo e o Bom pertencerem à filosofia geral, é possível trazê-los para a Filosofia da Educação, incorporando-os aos trabalhos escolares. A investigação filosófica pode favorecer a educação com a intencionalidade do desenvolvimento das potencialidades do educando, auxiliando-o no entendimento da verdade e na formação estética e ética. Sugere-se que outros estudos sejam realizados para que haja continuidade deste tema filosófico trazido para a Educação.

A educação é necessária para a construção da maturidade ética, do entendimento da verdade e das vivências de experiências estéticas. São fundamentais o ensino e a aprendizagem dos universais desde a primeira infância para que, por meio do cotidiano, a criança cresça aprendendo a agir visando ao Bem Comum. Todo educador, professor ou qualquer adulto comprometido com a educação e a formação plena de crianças e jovens sob sua responsabilidade, precisa estar atento em ser um modelo virtuoso e contribuir para a formação de pessoas virtuosas. Os universais são necessários para a vida em sociedade e a educação é o campo propício para todos os alunos se desenvolverem.

Pensando nos possíveis desdobramentos práticos pedagógicos, sugere-se que os professores apresentem objetos em geral e obras de arte aos alunos com o pedido de que façam exploração além do que conseguem ver de imediato. Entendemos que podem ser feitas oficinas e outras atividades para o que chamamos de *revelação do invisível*, de maneira que os alunos possam se manifestar livremente quanto ao Verdadeiro, ao Belo e ao Bom. As disciplinas poderiam incluir em sua programação exercícios que desenvolvam essa capacidade do ser humano.

Referências

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Edipro, 2020.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética*. v. VIII. Brasília: MEC, 1997a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2025
- BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC, 1997b.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte*. Brasília: MEC, 1998.
- GARDNER, H. *O Verdadeiro, o Belo e o Bom redefinidos: novas diretrizes para a educação do século XXI*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.
- GARDNER, H. *O Verdadeiro, o Belo e o Bom: os princípios básicos para uma nova educação*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
- HILGARD, E. R. *Teorias da aprendizagem*. São Paulo: EPU, 1975.
- KANT, I. *Crítica da faculdade do juízo*. São Paulo: Editora Forense Universitária, 2002.
- KNELLER, G. F. *Introdução à filosofia da educação*. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.
- MACINTYRE, A. *Depois da Virtude: um estudo em teoria moral*. Bauru: Edusc, 2001.
- MARITAIN, J. *Elementos de Filosofia I: Introdução geral à Filosofia*. Rio de Janeiro: Agir, 1998.
- MARITAIN, J. *Os direitos do homem e a lei natural*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.
- MARITAIN, J. *Rumos da Educação*. Rio de Janeiro: Agir, 1968.
- PLATÃO. *Fedro ou da beleza*. Lisboa: Guimarães, 2000.
- RAWLS, J. *Uma teoria da justiça*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- RICOEUR, P. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- SCHILLER, F. *A educação estética do homem: numa série de cartas*. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- SEIFERT, J. ¿Qué es filosofía?: la respuesta de la fenomenología realista. *Anuario Filosófico*, ls. I, v. 28, p. 91-108, 1995.
- SUCUPIRA, N. *Ética e educação*. *Presença Filosófica*, ls. I, v. VI, n. 4, p. 28-42, out./dez. 1980.
- SUCUPIRA-LINS, M. J. C. Educação Integral e o Desenvolvimento da Pessoa Humana. In: MALHEIRO, J. (org.). *Escola com corpo e alma: manual de Ética para pais, professores e alunos*. Curitiba: CRV, 2014. p. 135-144.
- SUCUPIRA-LINS, M. J. C. Natureza da Educação e Filosofia da Educação. *Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 22, n. 39, p. 31-39, 2013.
- VÁZQUEZ, A. S. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

VON HILDEBRAND, D. *Aesthetics volume 1*. Steubenville: Hildebrand Project, 2016.

VON HILDEBRAND, D. Bondade. *In*: VON HILDEBRAND, Dietrich; VON HILDEBRAND, Alice. *A arte de viver*. São Paulo: Quadrante, 2021b. p. 55-63.

VON HILDEBRAND, D. Respeito. *In*: VON HILDEBRAND, Dietrich; VON HILDEBRAND, Alice. *A arte de viver*. São Paulo: Quadrante, 2021c. p. 7-17.

VON HILDEBRAND, D. Veracidade. *In*: VON HILDEBRAND, Dietrich; VON HILDEBRAND, Alice. *A arte de viver*. São Paulo: Quadrante, 2021a. p. 43-53.

Daniela Honorio de Sousa Brito

Doutoranda em Educação (PPGE/UFRJ). Mestre em Educação (PPGE/UFRJ). Graduada em Pedagogia (Faculdade de Educação/UFRJ). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Ética e Educação (GPEE/UFRJ).

Maria Judith Sucupira da Costa Lins

Pós-Doutora em Filosofia (Dietrich von Hildebrand Institut of Philosophy – DHIP/Áustria). Doutora em Educação (PPGE/UFRJ). Mestre em Educação (PUC-Rio). Graduada em Pedagogia (Faculdade de Filosofia do Recife/PE – FAFIRE). Professora Titular da FE/UFRJ. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Ética e Educação (GPEE/UFRJ). Membro da Academia Brasileira de Educação.

Endereço para correspondência

DANIELA HONORIO DE SOUSA BRITO

pedagogadanielahonorio@gmail.com

MARIA JUDITH SUCUPIRA DA COSTA LINS

mariasucupiralins@gmail.com

Como citar esse artigo

Honorio de Sousa Brito, D., & Maria Judith Sucupira da Costa Lins. O verdadeiro, o belo e o bom: reflexões para a filosofia da educação. *Veritas* (Porto Alegre). <https://doi.org/10.15448/1984-6746.2026.1.47809>

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.